

A perpetuidade do pretérito

No livro “Por uma geografia nova”, escrito pelo renomado geógrafo Milton Santos, é proposta uma visão inédita quanto ao passado: ações anteriores formam o presente, o qual, por sua vez, forma o antigo com o passar do tempo, tornando-os indissociáveis. Ao considerar tal inerência temporal, a influência do que já ocorreu sobre o hodierno ganha sentido, visto que esse constitui os elementos do moderno e modela o modo atual de pensar da sociedade.

Da mesma forma que nossos ancestrais expressavam-se artisticamente e comunicavam entre si, a nova sociedade ainda mantém esses costumes, demonstrando que o passado não é tão diferente da atualidade. Para compreender o presente, é preciso analisar que, essencialmente, todas as práticas humanas continuam as mesmas com o passar do tempo, mudando apenas a maneira como isso se dá. A escravidão dos africanos no século XVI ou a dos asiáticos em 2024? Guerra Russo-Turca ou Guerra da Ucrânia? Pintura rupestre ou Arte Contemporânea? O que acontece agora, já ocorreu antes. Logo, como o filósofo Parmênides disse: “Nada muda, tudo é uno.” Ou seja, para entender o hodierno, basta analisar as interseções entre épocas, dado que suas características substanciais são as mesmas.

Além disso, a História tem como papel superior à análise individual dos fatos antigos, a compreensão dos efeitos desses acontecimentos na atualidade. Guerras, doenças, construções, pinturas... Todos esses elementos que fizeram parte do período de existência humana modelaram a forma de agir e pensar da sociedade, sendo essa influência positiva ou negativa. Com isso, deduz-se que o comportamento da população é a consequência dos diversos eventos pretéritos à sua realidade. O reconhecimento de tal relação de causalidade entre os tempos não é recente, no século V, o pensador chinês Confúcio disse: “Se queres conhecer o passado, examina o presente que é o resultado.” Somado a isso, destaca-se que o filósofo, apesar da disparidade de milênios, obteve a mesma percepção do tempo quando

comparada à hodierna, mostrando a atemporalidade desse impacto social feito pelos episódios decorridos.

Portanto, os acontecimentos pretéritos não são obsoletos, visto que decisivamente fazem parte do presente e afetam as ações sociais. A exclusão total da existência de elementos passados na atualidade é semelhante à ignorância - é ingênuo negar um fato comprovado pela História. Diante disso, torna-se inegável a função central da sociedade e das figuras espaciais no estudo das relações intertemporais.